



USO DE DROGAS POR UNIVERSITÁRIOS:

*um levantamento nacional*¹

Arthur Guerra de Andrade* e Lúcio Garcia de Oliveira**

O uso de álcool, produtos de tabaco e outras drogas é um fenômeno mundial que tem transcendido a categoria de “problema de saúde”. Mundialmente quase dois bilhões de pessoas fazem uso de álcool, 1,2 bilhão usa produtos de tabaco e entre 155 a 250 milhões de pessoas relataram ter feito o uso recente nos últimos 12 meses de alguma droga ilícita (UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION, 2008; UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION, 2010).

O uso de álcool tem sido a causa atribuível de 3,8% das mortes e 4,6% dos casos de doença em todo o mundo, tendo sido apontado como agente de mais de 60 tipos de doenças (REHM et al., 2009). Seus efeitos têm se estendido para além das consequências de saúde de quem bebe, gerando um amplo conjunto de custos sociais atribuídos aos altos níveis de violência interpessoal, homicídios, comportamento sexual de risco, uso inconsistente de preservativos, aumento da incidência de doenças infectocontagiosas e acidentes com veículos automotores (UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION, 2008, 2007; REHM et al., 2009). Em relação ao uso de produtos de tabaco, estima-se que 5 milhões de mortes anuais são atribuídas a esse consumo, enquanto 200 mil mortes anuais são decorrentes do consumo de substâncias ilícitas (UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION, 2008, 2010).



No Brasil, conforme o “II Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil – estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país” –, 22,8% da população de faixa etária entre 12 e 65 anos já fez uso *na vida* (ou seja, pelo menos já experimentou) de qualquer droga psicotrópica (exceto álcool e tabaco), o que corresponde a quase 12 milhões de pessoas (CARLINI et al., 2007). Dentre eles, os jovens de faixa etária de 18 a 24 anos apresentam as maiores prevalências de uso de substâncias psicotrópicas e de comportamentos de risco (CARLINI et al., 2007; LARANJEIRA et al., 2007).

Entre os jovens, os universitários têm merecido especial atenção, seja pelo recebimento de investimentos científicos ou pelas funções que deverão exercer à sociedade e ao desen-

volvimento do país como um todo. A entrada na universidade, muitas vezes, inaugura um período de maior autonomia, possibilitando novas experiências, mas também, para muitos, se constitui em um momento de maior vulnerabilidade, tornando-os mais suscetíveis ao uso de drogas e suas consequências.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o estudo sobre o uso de substâncias psicoativas entre adolescentes e jovens é tão relevante que há um estudo prospectivo que tem acompanhado há 30 anos a prevalência do uso de drogas entre estudantes, desde a oitava série até a idade adulta, focando, dentro desse período de vida, a fase universitária. Trata-se do projeto *Monitoring the Future*, um levantamento nacional que tem sido adaptado e executado pela *The University of Michigan*. Um dos resultados mais interessantes encon-



trados por essa pesquisa, e que corroboram com a necessidade desse tipo de iniciativa, é notar que o uso prévio de álcool era inferior entre os jovens de ensino médio que pretendiam cursar o ensino universitário, um perfil que mudou após os primeiros anos de graduação (JOHNSTON et al., 2009).

Esforços brasileiros já existiram no sentido de compreender o uso de drogas entre universitários, mas, ainda, se sentia a falta de um levantamento nacional a respeito. Ou seja, embora os estudos realizados tivessem logrado seus propósitos, vinham descrevendo preferentemente a situação vigente na região Sudeste, com ênfase no Estado de São Paulo. Além disso, as diferenças metodológicas entre esses estudos vinham limitando a comparação de resultados, assim como a construção de uma realidade nacional e fidedigna a respeito, permitindo que novas tendências de uso passassem despercebidas, impedindo que as políticas públicas de controle acompanhassem as mudanças sociais e políticas que ocorressem em nosso país, surpreendendo o sistema de saúde pública, até então despreparado para o seu atendimento.

Pensando nisso, a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), órgão do governo federal responsável por coordenar a implementação da Política Nacional sobre Drogas (PNAD) e da Política Nacional sobre o Álcool (PNA), em parceria com o Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (GREA FMUSP), realizou recentemente o **I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras dro-**

gas entre universitários das 27 capitais brasileiras (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010). Os principais resultados dessa pesquisa foram brevemente descritos adiante. Para essa pesquisa, em todo país, foi contemplada a participação de 12.721 universitários matriculados em cursos de graduação presencial de 100 Instituições de Ensino Superior (IES) da rede pública e privada de ensino, das 26 capitais brasileiras e Brasília-DF.

Agência Brasil



O então ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, fala durante solenidade de anúncio do Plano de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, em setembro de 2010

Agência Brasil

Seminário internacional sobre o tema na Comissão de Seguridade Social na Câmara dos Deputados, em julho de 2010.



22,8% da população de faixa etária entre 12 e 65 anos já fez uso na vida (ou seja, pelo menos já experimentou) de qualquer droga psicotrópica (exceto álcool e tabaco)



11% dos universitários nunca haviam experimentado qualquer tipo de substância na vida. Entre os que o fizeram, o álcool foi a substância psicotrópica mais consumida para todas as medidas de uso avaliadas (uso na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias), seguido imediatamente pelos produtos de tabaco.

Aos universitários que se voluntariaram a participar foram solicitados a responder um questionário estruturado, de 98 perguntas fechadas, de autopreenchimento, individual e anônimo, organizado com o fim de conhecer o perfil e o estilo de vida do universitário brasileiro, com ênfase sobre o uso de drogas e seus transtornos (em termos do risco para desenvolvimento de abuso e dependência), comportamentos de risco para a integridade física e saúde geral (ex.: envolvimento em discussões e agressões físicas; realização de intercurso sexual sem preservativo; comportamento de beber e dirigir; pegar carona com motorista alcoolizado, entre outros) e existência de comorbidades psiquiátricas (em termos de sintomas depressivos, ansiosos e psicóticos). A investigação do envolvimento dos universitários com drogas foi feita por intermédio da descrição da prevalência de uso na vida (uso experimental, ou seja, “pelo menos uma vez na vida”), nos últimos doze meses (no ano, ou seja, “pelo menos uma vez nos doze meses que antecederam a entrevista”) e nos últimos trinta dias (no mês, ou seja, “pelo menos uma vez nos 30 dias que antecederam a entrevista”). As drogas investigadas foram: álcool, produtos de tabaco, maconha/haxixe, cloridrato de cocaína, merla, crack, anfetaminas, anticolinérgicos, tranquilizantes/ansiolíticos, opiáceos, barbitúricos/sedativos, esteroides anabolizantes, inalantes/solventes, alucinógenos e ecstasy.

Quanto às variáveis individuais, 43,1% dos universitários participantes eram homens e 56,8% mulheres. A maior parte dos universitários tinha idade entre 18 e 24 anos (58,0%), seguida da faixa etária dos 25 aos



Cerca de 46,7% dos universitários da pesquisa relataram já ter experimentado tabaco

34 anos (25,2%), acima de 35 anos (14,0%) e até os 18 anos (1,8%). Quase 62% deles (61,6%) consideraram-se da etnia caucasóide/branca, 24,5% mulato/pardo e 6,4% negros. Essa distribuição foi mais equilibrada para as variáveis referentes à organização administrativa da IES (se pública ou privada) e Região Administrativa do país. Assim, quase 49% dos universitários eram provenientes de IES públicas (48,8%) e um pouco mais de 51% privadas (51,2%), sendo 18,1% das instituições da região Norte do país, 25,2% da região Nordeste, 20,2% da região Sudeste, 19,2% da região Sul e 17,3% da região Centro-Oeste. A maior parte deles atendia a cursos de graduação da área de Ciências Humanas (47,3%), seguido das Exatas (25,8%) e Ciências Biológicas (25,3%). Finalmente, 36,8% dos universitários eram do período noturno, 26% estudavam em período integral, 25,4% em período matutino e 10,3% em período vespertino.

Em relação ao uso de drogas, 11% dos universitários nunca haviam experimentado qualquer tipo de substância *na vida*. Entre os que o fizeram, o álcool foi a substância psicotrópica mais consumida para todas as medidas de uso avaliadas (uso *na vida*, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias), seguido imediatamente pelos produtos de tabaco. Quase 87% da amostra (86,2%) relataram já ter pelo menos experimentado álcool (uso *na vida*) e quase 46,7% já ter experimentado tabaco. Essas prevalências diminuem ao se considerar as medidas de uso nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, já que tendem a localizar os usuários ativos e desconsiderar os ex-usuários de drogas.

Especificamente em relação ao uso de álcool, 36% dos universitários relataram ter engajado em pelo menos uma ocasião de beber pesado episódico ou *binge drinking* nos últimos 12 meses, e 25% deles nos 30 dias anteriores à entrevista, um padrão que se refere

à ingestão de mais de 4 doses alcoólicas entre mulheres e 5 doses entre homens, dentro de um período de 2 horas (aqui, entende-se que uma dose alcoólica contenha de 8 a 13 gramas de álcool, o equivalente a 285 ml de cerveja, 120 ml de vinho e 30 ml de destilado). É um comportamento de beber intenso em um curto espaço de tempo que predispõe o bebedor a uma série de problemas sociais e de saúde.

Quanto ao uso ilícito de substâncias, quase metade dos universitários (48,4%) relataram já tê-lo feito pelo menos uma vez *na vida*, com maiores frequências para o uso de maconha (26,1%), inalantes (20,4%), anfetamínicos (13,8%), tranquilizantes (12,4%) e alucinógenos (7,6%), nessa ordem. Esse uso possivelmente é influenciado por características individuais dos universitários e acadêmicos. Dentre elas, o gênero parece ser um fator de interferência de relevância, atuando especialmente como um diferenciador do tipo de substância experimentada ou regularmente consumida entre universitários.

Cerca de 40% (37,6%) dos universitários relataram ter usado duas ou mais drogas nos últimos 12 meses e 43% relataram já ter feito uso de bebidas alcoólicas e de outras substâncias na mesma ocasião, o que configura um uso do tipo múltiplo e simultâneo



O consumo de maconha entre os universitários tem maior frequência dentre as substâncias ilícitas.



Nessa pesquisa, a interferência do gênero sobre os resultados ainda não foi investigada, de tal forma que particularidades de uso entre homens e mulheres precisam ser futuramente detalhadas.

Independentemente da influência de variáveis de confusão, a frequência do uso de drogas pelos universitários ultrapassa os valores correspondentes já observados para a população geral brasileira de faixa etária entre os 12 e os 65 anos (CARLINI et al., 2007) e entre estudantes de ensino fundamental e médio (CARLINI et al., 2005), especialmente para o uso de anfetamínicos, apontando que os universitários podem estar em uma situação de risco, ou seja, de aumentada vulnerabilidade, uma análise ainda exploratória e que ainda precisa de confirmação. Em relação ao comportamento de universitários norte-americanos (JOHNSTON et al., 2009), os universitários brasi-

leiros apresentam uma semelhança de uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas, parecendo haver algumas particularidades, especialmente em relação ao uso de maconha e inalantes.

Cerca de 40% (37,6%) dos universitários relataram ter usado duas ou mais drogas *nos últimos 12 meses* e 43% relataram já ter feito uso de bebidas alcoólicas e de outras substâncias na mesma ocasião, o que configura um uso do tipo múltiplo e simultâneo, uma modalidade de consumo potencialmente perigosa, especialmente devido aos efeitos aditivos entre as drogas coadministradas e o aumento da toxicidade de cada substância em relação ao seu uso isolado. Dos universitários que relataram fazer uso múltiplo de drogas, 47,8% alegaram fazê-lo por gostar da associação ou como uma forma de enfrentamento em relação aos problemas da vida. Já 13,2% faziam a associação para con-





A identificação dessas tendências de uso entre os jovens tem sido um desafio para os responsáveis pelo desenvolvimento de políticas públicas, especialmente se considerada a elaboração de ações efetivas em tempo real à identificação das novidades de uso.

trolar o uso – a vontade de beber ou os efeitos do álcool –, no sentido de ficar menos alcoolizado ou potencializar os efeitos da bebida, enquanto que 10,7% usavam as bebidas alcoólicas para manipular os efeitos de outra substância (no sentido de potencializar os efeitos agradáveis e reduzir os efeitos desagradáveis) ou controlar seu uso, interrompendo-o e permitindo ao universitário retomar suas atividades diárias quando necessário.

Um possível problema desse uso é que, à medida que é regularizado, chega um momento em que o usuário se vê enredado num ciclo vicioso, no qual o desejo por uma droga leva ao consumo de outra, de tal forma que esses consumos passam a influenciar-se reciprocamente, caminhando *pari passu* (MAGURA; ROSENBLUM, 2000), predispondo o usuário a desenvolver estados de abuso ou dependência para uma ou múltiplas substâncias.

A esse respeito, entre os universitários respondentes dessa pesquisa, 21,8% estavam sob risco, pelo menos

moderado, de desenvolver dependência para álcool, 8,4% para maconha, 3,8% para anfetamínicos e 3,4% para tranquilizantes, um uso que já poderia ser categorizado como nocivo ou problemático, ou seja, em que o usuário já teria sido impactado negativamente com algum problema de saúde, de ordem social, financeira, legal ou de relacionamento diretamente relacionado ao uso da substância, necessitando de algum tipo de intervenção. (HENRIQUE et al., 2004).

Numericamente, o uso de álcool de risco moderado para o desenvolvimento de dependência foi maior entre os universitários que na população geral brasileira (idade entre 12-65 anos) (19% vs. 3% – UNIAD/SENAD) e o uso de álcool de alto risco para desenvolvimento de dependência foi maior para a população geral que para os universitários (3% vs. 9% – UNIAD/SENAD; 3% vs. 12% – CEBRID/SENAD) (CARLINI et al., 2007. LARANJEIRA et al., 2007), resultados que merecem um aprofundamento.

Em relação a comportamentos de risco, 18% dos universitários relataram dirigir sob efeito de álcool, 12% já dirigiram após *binge drinking* (referente à ingestão de mais de 4/5 doses alcoólicas) e 27% dos universitários pegaram carona com motorista alcoolizado. Em relação a comportamentos sexuais, 12% dos universitários ainda não tinham tido relação sexual até o momento da entrevista. Entre os que já tinham tido essa oportunidade, 9% não possuíam o hábito de utilizar métodos contraceptivos, 3% já haviam forçado ou sido forçados a engajar em intercurso sexual e 41% declararam que já haviam feito o teste para detecção do vírus HIV.

Quanto ao nível de psicopatologia (sofrimento psicológico inespecífico e depressão), parece ser maior entre as mulheres e alunos do período integral ou noturno. A exemplo, em relação à prevalência de sintomas psicóticos, 22% dos respondentes afirmaram “sentir que existe alguém que quer lhe fazer mal de alguma maneira”, 33% “que é alguém muito mais importante que a maioria das pessoas pensa”; 17% notam “interferência ou outro problema estranho com os pensamentos” e 2% “ouvem vozes que não sabem de onde vêm ou que os outros não podem ouvir”. A associação desses dados a diversos desfechos de saúde como o uso de álcool, tabaco e outras drogas precisa ser futuramente avaliada.

Finalmente, essa pesquisa traz resultados inéditos de uma realidade social que ainda era desconhecida, fornecendo um retrato nacional a respeito do perfil sociodemográfico e aspectos da saúde mental do universitário brasileiro, superando o mosaico de informações que se dispunha anteriormente. Em saúde coletiva, estudos como esse, ou seja, que possibilitam a identificação da tendência de uso de





drogas pelos jovens, têm sido o arauto para as mudanças sociais e políticas observadas em outros segmentos sociais dos países da União Europeia (UE) e nos Estados Unidos. A identificação dessas tendências de uso entre os jovens tem sido um desafio para os responsáveis pelo desenvolvimento de políticas públicas, especialmente se considerada a elaboração de ações efetivas em tempo real à identificação das novidades de uso (JOHNSTON et al., 2009).

A isso se soma que a comparação do uso de drogas entre os universitários e a comparação ao uso vigente em outros segmentos sociais pode ser um procedimento valioso para a confirmação das tendências e padrões de uso de drogas em nosso País, identificando particularidades que auxiliem as autoridades públicas a desenvolver estratégias de ação específicas.

Sobretudo, considerados conjuntamente, os dados apontam para uma situação preocupante, que, mais que atenção, requer ação de uma responsabilidade compartilhada entre universidades, governo, comunidade científica e sociedade, para que possam contornar este problema e seus possíveis desdobramentos. O primeiro passo foi dado. ❶

***ARTHUR GUERRA DE ANDRADE** é médico Psiquiatra, Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Professor Titular de Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina do ABC, Presidente Executivo do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA).

****LÚCIO GARCIA DE OLIVEIRA** é Mestre e Doutor em Psicobiologia pelo Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atualmente é pós-doutorando pelo Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

NOTA

1 Os resultados aqui apresentados são parte do **I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**, cujo relatório foi recentemente divulgado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), órgão do governo federal responsável por coordenar a implementação da Política Nacional sobre Drogas (PNAD) e da Política Nacional sobre o Álcool (PNA), em parceria com o Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (GREAFMUSP). O relatório está disponível na íntegra, para consulta, no endereço eletrônico http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/web/noticia/ler_noticia.php?id_noticia=104059.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Arthur Guerra de; DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira; OLIVEIRA, Lúcio Garcia de. **I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

CARLINI, E. A. et al. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005**. São Paulo: CEBRID; UNIFESP, 2007.

CARLINI, E. A. et al. **V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 17 capitais brasileiras: 2004**. São Paulo: CEBRID; UNIFESP, 2005.

HENRIQUE, I. F. S et al. Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias. **Revista da Associação Médica Brasileira**. v. 50, n. 2, p. 199-206, 2004.

JOHNSTON, L. D. et al. **Monitoring the Future: national survey results on drug use: 1975-2008: college students**

and adults ages 19-50. Bethesda, MD: U.S. Department of health and human service. National Institute on Drug Abuse, 2009. v. 2.

LARANJEIRA, R. et al. **Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: SENAD, 2007.

MAGURA, S; ROSENBLUM, A. Modulating effect of alcohol use on cocaine use. **Addictive Behaviors**. Nova Iorque, v. 25, n. 1, p. 177-82, 2000.

REHM, J. et al. Global burden of disease and injury and economic cost attributable to alcohol use and alcohol-use disorders. **Lancet**; v. 373, n. 9682, p. 2223-2233, 2009.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION. **World Drug Report 2007**. 2007.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION. **World Drug Report 2008**. 2008.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION. **World Drug Report 2010**. 2010.